

Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2013



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

O TRABALHO DA MULHER DURANTE A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL INGLESA (1780 A 1850)

Lucia Mamus Bottini¹
Roberto Leme Batista²

Resumo

Neste artigo apresentamos a experiência pedagógica resultante do projeto de Intervenção Pedagógica realizada por meio do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE 2013/2014, na disciplina de História desenvolvida com alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Doutor Marins Alves de Camargo – EFM em Paranavaí. Nesse sentido, apresentamos uma discussão teórica com base numa revisão bibliográfica com vistas à compreensão da Revolução Industrial que se desenvolveu na Inglaterra, a partir do final do século XVIII, com ênfase na análise do trabalho das mulheres. O tema contribuiu para que os alunos compreendessem os motivos que levaram o capital a explorar o trabalho das mulheres naquele contexto. Apresentamos, no final, um breve, relato dessa experiência.

Palavras-chave: revolução industrial; classe operária; trabalho; mulheres.

Introdução

A Revolução Industrial se constituiu num processo de profundas transformações que mudou radicalmente a estrutura da sociedade em vários aspectos. Porém, ela não foi produto do acaso. A Revolução Industrial ocorreu graças às melhoras significativas que a Inglaterra promoveu no século XVIII nas vias de transportes e nas comunicações, assim como, houve também um crescimento do mercado consumidor interno e das exportações. Além disso, o Estado britânico desempenhou um papel fundamental como fomentador das atividades econômicas na ação e proteção dos interesses dos industriais. Outro fator determinante foram as profundas mudanças na relação entre o campo e a cidade. O êxodo rural forçado, decorrente dos *enclosures* e a crescente necessidade de força de trabalho exigida pelo avanço industrial fizeram surgir grandes metrópoles.

Além disso, outros três elementos foram determinantes para que a Revolução Industrial se desenvolvesse. Primeiro havia um grupo de empregadores capitalistas que tiveram a sua disposição uma classe de trabalhadores que nada possuíam e que para satisfazer suas necessidades se obrigavam a vender sua força de trabalho em troca de salários. Segundo era a produção na fábrica que funcionava por meio de uma combinação de máquinas

1 Professora de História da Educação Básica da Rede Pública Estadual /SEED-Pr. Professora PDE 2013/2014.

2 Professor do Colegiado de História da UNESPAR campus Paranavaí. Historiador e Doutor em Ciências Sociais. Orientador do PDE.

especializadas com trabalhadores especializados, com longos anos de aprendizado nos ofícios. E o terceiro que era a existência de número razoável de homens vocacionados para o negócio, para a acumulação, que procuravam acumular riqueza por meio do lucro, estes dominavam a economia. Esses homens nada viam de errado no novo sistema e não faziam distinção entre os aspectos sociais e técnicos. (HOBSBAWM, 1978, p. 62).

O que mudou radicalmente a Inglaterra e fez com que a Revolução Industrial “explodisse” foi o algodão. Embora a Revolução Industrial não se resume ao algodão, muito menos a Lancashire, pois o algodão perdeu sua supremacia algumas décadas depois. Mas o algodão foi determinante para que a coisa, por assim dizer, ali “explodisse”. Pois foi o algodão que mudou a forma e o ritmo de produzir, ele foi o esteio do desenvolvimento da indústria na região do Lancashire.

Daí para frente a produtividade passou a se multiplicar de forma rápida e permanente. Dessa forma, o sistema incontrolável do capital ganhou forças e o ritmo de valorização dos investimentos conduziu à expansão num patamar jamais visto. A Revolução Industrial, nos seus primórdios, não necessitou da ciência e da tecnologia para se deslançar. Tinha ciência e tecnologia avançada para a época, mas as pessoas não se interessavam por elas nem eram persuadidas a usá-las. Nesse sentido a Revolução Industrial foi simples, pois resultou de ideias e dispositivos simples, antigas, pouco dispendiosas, mas produziram resultados espetaculares. Foi a atuação de homens práticos dispostos a ciência e a tecnologia disponíveis há muito tempo e também a expansão do mercado que se abria cada vez mais à medida que os preços e os custos caíam que fez o processo dessa revolução se acelerar. Nesse contexto o pensamento humano voltou-se para a situação prática, para problemas solúveis. (HOBSBAWM, 1978, p. 53-55).

Tudo isso afetou de forma radical o mundo do trabalho, o caráter da produção e as relações humanas. Sendo assim, é necessário compreender que a Revolução Industrial foi um longo processo que ocorreu primeiro na Inglaterra e depois se expandiu para outros países, provocando um salto qualitativo no capitalismo. Essas transformações permitiram ao capital desenvolver uma subordinação real do trabalho, pois este conseguiu impor a passagem do trabalho artesanal para o trabalho manufatureiro e, posteriormente para a grande indústria

fundada no sistema de máquinas, aumentando assim o estranhamento do homem que trabalha.

A mulher também foi obrigada a encarar o trabalho fabril, pois os salários dos trabalhadores masculinos, que eram considerados chefes de família, foram profundamente achatados e não garantiam mais a subsistência familiar. Isto mudou radicalmente a vida das mulheres, já que elas passaram a executar dupla jornada de trabalho. No âmbito doméstico continuaram a cumprir com as funções de reprodução³ e, na fábrica passaram a desenvolver as atividades precarizadas em funções multitarefas. As mulheres, assim como os homens operários, eram condenadas ao trabalho em razão das necessidades impostas pela subsistência. Ao analisar esta questão, Engels salientou que “[...] se a atividade produtiva livre é o máximo de prazer que conhecemos, o trabalho forçado é o tormento mais cruel e degradante. Nada é mais terrível que fazer todos os dias, da manhã até a noite, um trabalho de que não se gosta”. (ENGELS, 2008, p. 157).

A Revolução Industrial foi um dos períodos mais drásticos para a exploração do trabalho, ou seja, dos trabalhadores. Período este marcado por um desenvolvimento fundado na superexploração generalizada de homens, mulheres e crianças, marcado pela crueldade, que, como diz Thompson (1987, p. 224) representou um dos acontecimentos mais vergonhosos da história da Inglaterra. É sobre isto que trataremos na sequência, fundamentalmente da exploração do trabalho da mulher.

Revisão da literatura

A Revolução Industrial “explodiu” a partir da década de 1780, na Grã-Bretanha. Vários foram os fatores que contribuíram para que esse processo fosse desencadeado na Grã-Bretanha, lá havia ocorrido uma melhoria no sistema de transporte terrestre e navegação, as comunicações também foram melhoradas. A agricultura havia passado por profundas transformações, o que aumentou significativamente a produtividade no campo. Os ingleses foram capazes de inventar técnicas extremamente simples para melhorar a produção. Suas

3 “A formação do capitalismo, ou, por outras palavras, a sua gênese e a sua história, pressupõem apenas a análise crítica da *produção e da reprodução dos meios de produção*. Em que consistem estes meios? Primeiramente em forças produtivas, a saber, os próprios *trabalhadores* e os seus meios de trabalho. **Os trabalhadores têm que reproduzir-se: ter filhos, alimentá-los, educá-los, torná-los capazes, por sua vez, de trabalhar, podendo assim um crescimento demográfico acompanhar o das forças produtivas.** (LEFEBVRE, 1973, p. 49).

invenções não dependeram de conhecimentos científicos. Além disso, na Inglaterra, ao longo do século XVIII, a população aumentou e fez crescer o mercado consumidor interno, assim como aumentou as oportunidades para exportações. Some-se a tudo isto a importante participação do Estado no desenvolvimento de políticas que estimulavam investimentos e fomentava as atividades econômicas na ação e proteção aos interesses dos empresários privados. (HOBSBAWM, 1977, p. 46-47).

Portanto, a Revolução Industrial “explodiu” no final do século XVIII, mas as coisas não ocorreram de forma simultânea em todos os segmentos da produção, muito menos entre as cidades. Portanto, a revolução se desenvolveu de forma desigual. A Revolução Industrial provocou profundas transformações na estrutura econômica e social, alterou as relações entre o campo e a cidade, mudou também a estrutura e relações entre as classes sociais. Nesse processo surgiu um proletariado urbano, cujas necessidades levaram à aceitação do assalariamento nas manufaturas e, posteriormente, nas fábricas fundadas na manufatura. (HOBSBAWM, 1977, p. 47-50).

É a separação entre o capital e o trabalho, a substituição do trabalho artesanal pelo sistema de máquina, ou seja, da energia humana pela energia a vapor, conforme escreve Marx:

A máquina da qual parte a revolução industrial substitui o trabalhador que maneja uma única ferramenta por um mecanismo que ao mesmo tempo opera com certo número de ferramentas idênticas ou semelhantes àquela, e é acionado por uma única força motriz, qualquer que seja sua forma [...] O aumento do tamanho da máquina ferramenta e do número dos instrumentos com que opera ao mesmo tempo exige um motor mais possante, que, para vencer a própria resistência, precisa de uma força motriz superior à força humana. (MARX, 1989, p. 428-9).

A grande indústria fundada na maquinaria forçou a entrada de todos os membros da família do trabalhador no mercado de trabalho. De fato a maquinaria explodiu a antiga equação que determinava o valor da força de trabalho “[...] pelo tempo de trabalho necessário à manutenção não só do trabalhador adulto individual, mas do núcleo familiar.” Com isto o valor da força de trabalho foi repartido entre sua família inteira. Dessa maneira toda a família passou a trabalhar para receber aquilo que o homem adulto, pai de família, recebia sozinho antes da introdução do sistema de máquinas. Dessa forma ocorreu o processo de desvalorização da força de trabalho de toda a família. (MARX, 2013, p. 468).

Nesse sentido, Marx enfatizou que

É possível, por exemplo, que a compra de uma família parcelada em quatro forças de trabalho custe mais do que anteriormente a compra da força de trabalho de seu chefe, mas, em compensação, temos agora quatro jornadas de trabalho no lugar de uma, e o preço delas cai na proporção do excedente de mais-trabalho dos quatro trabalhadores em relação ao mais-trabalho de um. Para que uma família possa viver, agora são quatro pessoas que têm de fornecer ao capital não só trabalho, mas mais-trabalho. (MARX, 2013, p. 468).

Mantoux (s/d, p. 2) salienta que a grande indústria fundada no sistema de máquinas promove uma concentração e multiplicação dos meios de produção, o que faz acelerar e aumentar o rendimento do capital. Dessa forma, a grande indústria “[...] emprega máquinas, que executam, com uma precisão infalível e com uma rapidez prodigiosa, as tarefas mais complicadas ou as mais rudes.” As máquinas são movimentadas por meio da substituição “[...] da força muscular, de recursos limitados e desiguais, por forças motrizes inanimadas: forças naturais como as do vento e da água corrente, forças artificiais como as do vapor e da eletricidade.” Essas forças podem ser aumentadas à vontade e sem limites. De tal maneira que a grande indústria reúne grande quantidade de operários para manter o funcionamento do sistema de máquinas “[...] homens, mulheres e crianças, encarregadas de tarefas especiais, que se tornam engrenagens entre as engrenagens.” (MANTOUX, s/d, p. 2).

Ainda de acordo com Mantoux a grande indústria pode ser definida por sua organização interna e sua técnica, ou seja, ela é um regime de produção. Entretanto, a grande indústria fundada na maquinaria não surge do nada. Ela é resultado da evolução da divisão do trabalho. Karl Marx apresenta uma discussão acerca dessa questão ao tratar do artesanato, da manufatura e da grande indústria fundada na maquinaria. Vejamos o que afirma Mantoux sobre esta questão:

Segundo Marx, foi no tempo do Renascimento e da descoberta do Novo Mundo, quando a expansão súbita do comércio, o aumento do numerário e da riqueza transformaram a vida econômica dos povos ocidentais, que começou a evolução do capitalismo moderno. Mas essa evolução se divide em dois períodos: até meados do século XVIII, a produção estava submetida ao regime da manufatura; por volta de 1760, começou a era da grande indústria. (MANTOUX, s/d, p. 13).

A manufatura pressupõe a separação entre o trabalho e o capital, Mantoux salienta que pelo preâmbulo de uma lei de 1557 esta separação se dava da seguinte forma

[...] operário, de início trabalhando livremente, em sua própria casa e com suas próprias ferramentas, logo depois nada mais era do que locatário, pagando uma renda pela utilização de um instrumento de trabalho que já

não lhe pertencia. Depois, o fabricante ia mais longe; retinha os instrumentos, organizando oficinas submetidas à sua vigilância direta: o operário não lhe fornecia mais do que seu trabalho, pelo qual recebia um salário. (MANTOUX, s/d, p. 13).

A divisão do trabalho é o princípio e a razão de ser da manufatura. Mantoux escreveu que “[...] na pequena choupana do artesão ajudado por dois ou três companheiros ou no cortiço do operário aldeão secundado por sua mulher e seus filhos, a divisão do trabalho era ainda rudimentar.” Pois, de fato “[...] bastava que um mínimo de operações indispensáveis se realizassem ao mesmo tempo; que, por exemplo, um homem movimentasse o fole da forja, enquanto um outro manejasse o martelo.” Mantoux compara este quadro com a famosa descrição de Adam Smith de uma fabricação de alfinetes. O que diferencia o período da manufatura da grande indústria é o uso das máquinas. (MANTOUX, s/d, p. 13-15).

O trabalho artesanal, principalmente na tecelagem, foi gradativamente suplantado pelo tear mecânico, embora a tecelagem manual fosse o último refúgio dos operários expulsos dos outros ramos produtivos. De tal maneira, que mesmo tendo que trabalhar de catorze a dezoito horas por dia, o tecelão manual se sentia útil, pois, ao menos, tinha trabalho. O sistema fabril, com o desenvolvimento do sistema de máquinas, precarizou as condições de vida dos artesãos manuais.

Posteriormente o trabalho passou a ser feito em manufaturas. Para diminuir os custos, aumentar a produtividade e assim ter lucros mais elevados, os mercadores passaram a concentrar os trabalhadores numa oficina e a fornecer-lhes matéria-prima e as ferramentas para a fabricação dos produtos. O artesão deixa de ser o dono dos meios de produção e do local de trabalho e passou a trabalhar em troca de um salário, ou seja, o trabalhador desprovido dos meios de produção necessários para produzir as mercadorias, vende a força do seu trabalho ao capital. Cada artesão passou a cumprir uma tarefa específica dentro do processo de fabricação de uma mesma mercadoria, tem início a divisão do trabalho. O processo de produção era controlado pelos negociantes. Esse processo embora continuasse a ser manual e artesanal deu origem as primeiras unidades de produção capitalista.

Dessa forma as relações sociais de produção foram transformadas, no lugar do trabalhador na manufatura, forma-se uma nova classe social de trabalhadores assalariados, o proletariado, que foi submetido a condições dramáticas, precárias e degradantes. Para Hobsbawm a Revolução Industrial representou uma mudança social fundamental. “[...] Ela transformou a vida dos homens a ponto de torná-los

irreconhecíveis [...] destruiu seus antigos estilos de vida, deixando-os livres para descobrir ou criar outros novos, se soubessem ou pudessem”. (HOBBSAWM, 1983, p. 74).

Marx analisando as consequências imediatas da produção mecanizada sobre o trabalhador afirma que:

[...] a maquinaria permite o emprego de trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento físico incompleto, mas com membros mais flexíveis. Por isso a primeira preocupação do capitalista ao empregar a maquinaria, foi a de utilizar o trabalho das mulheres e das crianças. Assim, de poderoso meio de substituir trabalho e trabalhadores, a maquinaria transformou-se imediatamente em meio de aumentar o número de assalariados [...] sob o domínio direto do capital (MARX, 1989, p. 449).

Com o objetivo de aumentar os lucros e expandirem suas empresas, os industriais recrutavam mão-de-obra barata para trabalhar nas fábricas. Marx (1989, p. 449) discute esta questão e de acordo com ele “[...] a primeira preocupação do capitalista ao empregar a maquinaria, foi a de utilizar o trabalho das mulheres e das crianças”, pois a mecanização desqualificou o trabalho, pois a partir daí bastava o mínimo de habilidade para que o trabalhador operasse as máquinas.

As fábricas eram locais úmidos e quentes, sem ventilação adequada. O trabalho era repetitivo e as jornadas de trabalho muito longas. Sobre o trabalho na fábrica Marx afirma que o mesmo “[...] exaure os nervos ao extremo, suprime o jogo variado dos músculos e confisca toda a atividade livre do trabalhador, física e espiritual”. De tal maneira que “[...] até as medidas destinadas a facilitar o trabalho se tornam meio de tortura, pois a máquina em vez de libertar o trabalhador do trabalho, despoja o trabalho de todo interesse”. (MARX, 1989, p. 483).

Além do salário muito baixo, da exaustiva jornada, havia o medo de perder o emprego, pois havia muitos trabalhadores desempregados. Multiplicaram-se os bairros pobres, habitados por operários, que muitas vezes moravam com suas famílias em casas de um único cômodo. Não havia água potável, o esgoto corria a céu aberto, ruas sem calçamento, lixo por todos os cantos. As instalações das fábricas eram precárias, as condições de trabalho eram péssimas e as más qualidades da moradia prejudicavam a saúde do trabalhador. “[...] o novo sistema industrial arruinou a saúde de muitos trabalhadores. Quase todas as indústrias tinham as suas doenças características e as suas deformidades físicas”. (HENDERSON, 1979, p. 124).

Foi nesse contexto que a mulher adentrou o espaço da fábrica. A exploração do trabalho feminino não foi invenção da revolução industrial, na fase manufatureira que a antecedeu, as mulheres já trabalhavam em diversas atividades em pequenas e grandes oficinas. O trabalho feminino foi muito usado na cardagem, fiação e tecelagem da lã. Mas com a separação entre o capital e o trabalho, decorrente da evolução da divisão do trabalho, o trabalho executado por mulheres e crianças, na fiação, era o mais mal pago. (MANTOUX, s/d, p. 48).

Mantoux (s/d, p. 418) salienta que os trabalhadores artesãos consideravam que “[...] entrar para a fábrica era, diziam, como ir para um quartel ou uma prisão.” Por isso, originariamente a classe operária vieram das partes mais pobres do reino, Irlanda, País de Gales e Escócia. Ou seja, o capital recrutou mão de obra entre as populações mais pobres que eram brutalmente privadas dos meios de existência. Porém, Mantoux destaca o fato dos manufatureiros da indústria têxtil ter encontrado outra solução para o problema de escassez de força de trabalho. Ou seja, a contratação de mulheres e crianças.

Assim escreveu Mantoux sobre a solução deste problema:

Consistia ela na contratação maciça de mulheres e, principalmente, de crianças. O trabalho nas fiações era fácil de aprender, exigia muito pouca força muscular. Para algumas operações, o pequeno porte das crianças e a finura de seus dedos faziam delas os melhores auxiliares das máquinas. Eram preferidas ainda por outras razões, mais decisivas. Sua fraqueza era a garantia de sua docilidade: podiam ser reduzidas, sem muito esforço, a um estado de obediência passiva, ao qual os homens feitos não deixavam facilmente dobrar. (MANTOUX, s/d, p. 418-419).

A introdução da maquinaria piorou as condições dos tecelões e de outras categorias de trabalhadores, tais como os penteadores de lã, que no passado havia se constituído numa elite orgulhosa. O tear mecânico inventado por Cartwright “[...] acabou com suas pretensões, reduzindo o valor reconhecido de sua habilidade profissional. Seus salários, que antes eram de 50 a 60% superiores aos dos tecelões, caíram mais ou menos ao mesmo nível.” A penteadora mecânica teve seu uso generalizado só mais tarde. Porém, “[...] a simples ameaça de utilizá-la era, nas mãos dos patrões, um meio de acabar com as reivindicações e quebrar as resistências.” Os tosadores que também se constituíam num grupo de operários de elite sofreram consequências semelhantes com a invenção da tosadora, “[...] sua participação nas sangrentas revoltas de 1811-1812 testemunha suas inquietações e sua cólera quando se viram diante da ameaça de caírem no rol dos braçais, auxiliares e escravos das máquinas”. (MANTOUX, s/d, p. 435).

Entretanto, apesar de toda degradação e precarização enfrentada por diferentes categorias de trabalhadores, Mantoux destaca o fato das mulheres e crianças serem as mais afetadas e exploradas do que os operários adultos, na fase de transição da manufatura para a grande indústria fundada no maquinismo. Nesse sentido, afirma:

[...] Os salários mais baixos eram, como sempre os das mulheres e crianças; por isso preferidas, em detrimento dos homens. As crianças das paróquias, em geral, não recebiam em dinheiro: eram alojadas e alimentadas – bem sabemos como. Mas era preciso pagar os aprendizes que não viviam nas fábricas: nas fiações de algodão, onde ocupavam as funções de descarregadores (*doffers*) e emendadores (*piecers*), recebiam conforme a idade, de 1 a 4 xelins por semana. **As fiandeiras, na *jenny* ou na *mule*, não ganhavam muito mais: o salário de 5 xelins parece ter sido o máximo. [...] Nunca o trabalho feminino e infantil fora objeto de uma tal demanda.** Mas, precisamente, essa utilização cada vez mais generalizada de uma mão de obra inferior e barata, constituía um verdadeiro perigo para os operários adultos. (MANTOUX, s/d, p. 435-436).

Entretanto, Mantoux salienta que esse perigo para os operários adultos foi suscitado pelo surgimento do maquinismo, mas foi definitivamente superado pelo próprio desenvolvimento desse sistema, porque “[...] à medida que o equipamento mecânico se desenvolvia, tornava-se mais difícil manejá-lo. Logo foi preciso renunciar às oficinas repletas de aprendizes.” O autor argumenta que esse período de transição, assim como ocorre em todas as grandes transformações, “[...] foi cheio de dificuldades e sofrimentos para os indivíduos. Mas ele se prolongou durante anos, tão dolorosos quanto fecundos, e, apesar dos benefícios certos, mereceu a instintiva maldição da massa.” (MANTOUX, s/d, p. 436).

Portanto, nesse período de transição, em muitos casos, um grande número de mulheres foi empregado na tecelagem e na triagem da lã, por exemplo, em decorrência da escassez de tecelões “legais”, ou seja, aqueles que tinham passado sete anos como aprendizes de acordo com as regulamentações do Estado derivadas *Statute of Artificers* lei dos artífices de 1563, de 1563, que se constituía num verdadeiro código do trabalho. (MANTOUX, s/d, p. 436).

Os trabalhadores reunidos em galpões passaram a ser vigiados e controlados por seu patrão ou supervisores, foram impostos horários de entrada e saída, prazos para realizarem tarefas, maior divisão dos processos de trabalho, havia uma disciplina rígida a ser obedecida.

Engels (2008, p. 166) salienta que o desenvolvimento das atividades industriais, o crescimento das grandes cidades gera muitas consequências

desagradáveis e que “[...] quando os homens são postos numa situação que só convém aos animais, não lhes restam mais alternativas que rebelar-se ou chafurdar na animalidade”. Dessa forma, Engels ao analisar o preconceito e o moralismo burguês acusa a burguesia de “[...] participar decididamente no desenvolvimento da prostituição – das 40 mil prostitutas que todas as noites enchem as ruas de Londres, quantas não são sustentadas pela virtuosa burguesia?” Na verdade, Engels vai além e questiona “[...] e quantas não devem a obrigação em que se vêem de vender o corpo aos passantes para viver a um bom burguês que as seduziu?”. (ENGELS, 2008, p. 166).

Este excepcional jovem alemão demonstrou todo o seu pessimismo com o futuro, diante do que viu na Inglaterra, por isso salientou que era impossível haver vida familiar naquela ordem social, pois as casas eram inabitáveis, sujas e impróprias até como abrigo noturno, pois a casa dos trabalhadores “[...] mal mobiliada, raramente aquecida, onde a chuva penetra com frequência, com cômodos cheios de gente e imersos numa atmosfera sufocante”. Razão pela qual o jovem Engels salientou que: “[...] o homem trabalha todo o dia, assim como a mulher e talvez os filhos mais velhos, todos em lugares diferentes e só se veem à noite – e, ademais, há a tentação da bebida. Como pode, nessas circunstâncias, haver vida familiar?”. (ENGELS, 2008, p. 167).

Dessa forma, Engels (2008, p. 179) salienta que a introdução de máquinas pela grande indústria conduziu a uma sistemática e progressiva eliminação do homem adulto da fábrica. Em diferentes áreas da produção, como na fiação e tecelagem, a introdução das máquinas o trabalho humano foi simplificado, pois já que o trabalho mais complexo passou a ser feito pela máquina, o trabalho humano consiste “[...] na reparação dos fios que se rompem; esse trabalho não exige força física, apenas dedos ágeis.” De tal maneira que não apenas os homens adultos tornaram-se dispensáveis, assim como, por outro lado, “[...] o maior desenvolvimento dos músculos e da ossatura das mãos tornam-nos menos aptos para esse trabalho que as mulheres e as crianças – por isso, estão quase todos excluídos desse tipo de trabalho.” De tal maneira que com o avanço da maquinaria, quanto mais as atividades que exigiam a força dos braços e os esforços musculares foram sendo substituídos, por meio da introdução de máquinas movidas por força hidráulica ou vapor, menos se necessitava de homens que foram deslocados por mulheres e crianças que, eram mais hábeis

que os homens, e recebiam salários menores. (ENGELS, 2008, p. 179).

Nesse sentido, Engels afirma que

[...] **Nas fiações, encontramos nas *thostles* apenas mulheres e meninas**; nas *mules*, um fiandeiro, homem adulto (que desaparece com o emprego da *self-actor*, e vários *piecers* para reparar os fios, **na maioria das vezes mulheres e crianças**, às vezes jovens de dezoito a vinte anos e, mais raramente, um fiandeiro mais velho que perdeu seu emprego anterior. **No tear mecânico trabalham principalmente mulheres de quinze a vinte anos**; há também alguns rapazes, mas estes raramente conseguem permanecer ali depois dos 21 anos. **Nas máquinas que preparam o fio para a tecelagem, também só se encontram mulheres.** [...] (ENGELS, 2008, p. 179-180).

Era comum, por volta da década de 1830, mulheres serem encontradas trabalhando nas máquinas que preparavam os fios para a tecelagem. As fábricas, diz Engels, “[...] empregam uma grande quantidade de crianças para tirar e repor bobinas (*doffers*) e alguns homens adultos como vigilantes, um mecânico e um maquinista para as instalações do vapor e também marceneiros, porteiros etc”. Entretanto, “[...] o trabalho propriamente dito é executado por mulheres e crianças”. Embora os industriais mascarassem os números numa tentativa de “[...] provar que as máquinas não substituem os homens.” (ENGELS, 2008, p. 180).

Entretanto, Engels ao analisar um *Relatório do inspetor de fábrica L. Horner* (de 1844) enfatiza que o efetivo feminino que trabalhava nas fábricas de acordo com os números divulgados que “[...] do conjunto dos operários fabris, pouco mais da metade (52%) são do sexo feminino e cerca de 48% do sexo masculino e que, do total de ocupados, mais da metade tem mais de dezoito anos”. O autor condena a manipulação que os industriais faziam das pesquisas, afirmando taxativamente que “[...] o que os senhores industriais não nos dizem é a proporção, entre homens e mulheres.” O autor salienta que é na falsificação dos dados que reside a questão, pois ao manipularem e adulterarem as pesquisas, suas estatísticas ficam “[...] eivadas de dados manipulados ou errôneos, cheias de artifícios e cálculos de médias”, de tal maneira que apesar do “[...] esforço para ocultar os pontos mais importantes; elas terminam por mostrar, a avidez cega e a desonestidade desses industriais.” De tal maneira que se torna “[...] evidente que incluíram em suas contas mecânicos, marceneiros e todos os homens adultos que têm alguma ligação com a fábrica, provavelmente até mesmo etc.; eles tudo fazem para não revelar toda a verdade objetiva.” (ENGELS, 2008, p. 180).

Engels extraiu dados referentes à idade e ao sexo dos operários de uma parte da indústria inglesa, do discurso favorável à jornada de dez horas de trabalho, que

lord Ashley apresentou à Câmara dos Comuns, em 1844. Para Engels esses dados são relevantes porque não foram contestados pelos industriais. De posse de tais dados foi possível apreender que “[...] Dos 419.590 operários fabris do Império Britânico, em 1839, **192.887 (isto é, quase a metade) tinham menos de 18 anos e 242.296 eram do sexo feminino, dos quais 112.192 com menos de 18 anos.**” Esses números revelaram que “[...] 80.695 dos operários do sexo masculino têm menos de 18 anos e 96.599 são adultos, ou seja, 23%, portanto **nem um quarto do total.**” Além do que esses números revelaram a supremacia do trabalho feminino em vários segmentos da indústria, pois “[...] do conjunto do pessoal, 56,25% eram mulheres; **nas fábricas de lã, de seda e de linho esse percentual era, respectivamente, de 69,50%, 70,50% e 70,50%.**” Esses dados demonstram a superioridade feminina nas fábricas, segundo Engels, “[...] Bastam essas cifras para mostrar o deslocamento dos trabalhadores do sexo masculino; mas é suficiente entrar em qualquer fábrica para confirmá-lo.” (ENGELS, 2008, p. 181).

As mulheres, assim como as crianças, foram incorporadas no mercado de trabalho por duas razões. Por um lado era interessante para os industriais substituir o trabalho do homem adulto, por outro, os salários dos homens que continuavam empregados caíram e se tornaram muito baixos, de tal maneira que as mulheres tiveram que complementar a renda familiar, por isso adentraram o espaço da fábrica, porém continuaram responsáveis pelos afazeres domésticos, passando a cumprir dupla jornada de trabalho, recebendo salários inferiores aqueles pagos aos homens e assim se sujeitando a uma intensa exploração.

O trabalho da mulher é um fator desagregador da família, pois se ela passa 12 a 13 horas por dia na fábrica, como então preocupar-se com a casa, marido e educar os filhos. Engels (2008) relata o aumento da mortalidade das crianças em consequência do retorno das mães às fábricas no terceiro ou quarto dia após o parto, muitas vezes deixando o recém-nascido sob os cuidados do irmão pouco mais velho, “[...] na hora das refeições, correm até lá para amamentá-lo e comer algo – e não é difícil imaginar em que condições ocorre esse aleitamento!” Isso explica o uso de narcóticos para que as crianças permaneçam tranquilas e as mães possam trabalhar. O mesmo autor complementa que “[...] O trabalho da mulher na fábrica necessariamente desagrega a família, desagregação que, nas condições sociais vigentes, elas mesmas baseadas na família, têm as mais nefastas consequências morais para os cônjuges e para as crianças”. (ENGELS, 2008, p. 181-182).

De fato, em muitas situações o trabalho da mulher além de desagregador é um desorganizador da família, pois “[...] é a mulher que mantém a casa, o homem desempregado cuida das crianças e da vida doméstica.” O baixo salário das mulheres, assim como das crianças, fez com que muitos homens fossem condenados ao trabalho doméstico. (ENGELS, 2008, p. 183).

O trabalho das mulheres também foi explorado nas minas de carvão, na árdua atividade de retirar o carvão do fundo das minas e transportar até a superfície. Ao analisar este processo Marx sentenciou que

Depois de 1842, as operárias não são mais empregadas no subsolo, mas para carregar carvão, arrastar as cubas até os canais e os vagões ferroviários, selecionar o carvão etc. O emprego delas aumentou muito nos 3 a 4 anos. São na maioria mulheres, filhas e viúvas dos operários das minas, dos 12 até os 50 e 60 anos de idade. (MARX, 1989, p. 570).

Sobre o trabalho nas minas de carvão, o mesmo autor em sua obra *O Capital*, acrescenta que o capitalista proprietário das minas nomeava “[...] pessoas para supervisioná-la e a política que tem a aprovação dele é a de economizar o máximo possível, e uma empregada jovem recebe 1 xelim e 1 xelim e 6 pence por dia nos casos em que o homem exige 2 xelins e 6 pence.” (MARX, 1989, p. 571).

Metodologia e resultados obtidos

Foi a partir da realidade e da condição concreta dos trabalhadores, fundamentalmente das mulheres, na Revolução Industrial que fizemos nossa intervenção pedagógica no Colégio. Nosso objetivo foi que os alunos pudessem compreender os motivos que levaram o capital a explorar a força de trabalho feminina naquele contexto. Ou seja, queríamos que eles aprendessem como se deu a incorporação da mulher no mundo do trabalho fabril, em que os trabalhadores masculinos foram substituídos pelo sistema de máquinas, desenvolvendo assim uma atitude crítica e reflexiva, possibilitando a compreensão sobre o trabalho da mulher naquela época, mas também no tempo presente por meio da análise do passado.

A intervenção pedagógica se deu a partir da elaboração de uma Unidade Didática, que foi desenvolvida através das seguintes etapas:

A primeira atividade se deu por meio da apresentação da proposta de intervenção para os professores, equipe pedagógica e a direção, durante a semana pedagógica. Na sequência o projeto foi apresentado aos alunos,

destacando seus pressupostos teóricos, objetivos e a metodologia a ser usada durante a intervenção pedagógica.

Para que o conteúdo tivesse significado e as aulas fossem realmente um desafio para os alunos, a estratégia inicial foi investigar através de questionamentos orais e apresentação de imagens (previamente selecionadas) na TV multimídia, as ideias prévias que os alunos já possuíam sobre a Revolução Industrial, sobre o trabalho da mulher naquele contexto e quais as expectativas em relação ao tema. Solicitamos que os alunos expusessem oralmente seus conhecimentos e opiniões e após fizessem os registros das mesmas. As respostas foram discutidas no coletivo e as produções (registros) recolhidas, uma vez que seriam utilizadas posteriormente para avaliar o conhecimento prévio dos alunos.

Nesse momento identificamos que eles demonstravam ter pouco ou nenhum conhecimento sobre a temática que seria estudada. Certamente esse foi um fator motivador para o desenvolvimento da intervenção pedagógica.

Para abordar a temática foram utilizadas diferentes fontes documentais: escritas, imagéticas, filmes, poesia e outras. Nesse sentido, a primeira atividade desenvolvida diretamente com os alunos foi a utilização de textos historiográficos para leitura, reflexão, discussão e realização de atividades em grupo sobre o tema. Verificamos que os conhecimentos sobre a Revolução Industrial na Inglaterra eram superficiais. Para aprofundar as discussões, foi exibido na TV multimídia um filme documentário da Enciclopédia Britânica (Barsa) sobre a Revolução Industrial. Após assistirem ao filme e a análise da professora, considerando também os textos estudados anteriormente, os alunos produziram um texto sobre as transformações provocadas pela Revolução Industrial e as conseqüências para a classe operária. Dessa forma, percebemos que os alunos relembrou os conteúdos sobre a Revolução Industrial, estudados na série anterior e ampliaram seus conhecimentos. Foi nesse sentido que propusemos a próxima atividade, leitura e discussão de textos referentes ao trabalho da mulher na fábrica, inclusive em outros tempos e espaços e após, solicitamos que formassem duplas para responderem as questões propostas. Os alunos apresentaram dificuldades para realizar as atividades, alegaram que as mesmas eram complexas, foi necessário retomarmos a discussão sobre o tema. Observamos que a dificuldade de compreensão das questões se deu pelos limites que os alunos têm de ultrapassar a lógica do escrito, de pensar de forma abstrata a partir do texto, limitando-se a

compreender apenas o que está escrito.

O conteúdo também foi trabalhado por meio de imagens e poesia. No laboratório de informática do colégio, acompanhados pela professora, os alunos pesquisaram imagens que mostram mulheres trabalhando na indústria fabril no período da Revolução Industrial. Após seleção das mesmas, orientados pela professora produziram um texto explicativo. Os alunos gostaram da atividade, pois através desse trabalho refletiram sobre as condições de trabalho não só das mulheres, mas inclusive de crianças na indústria fabril.

Outro recurso foi o vídeo do poema de Vinícius de Moraes: Operário em Construção, declamado por Taiguara, e a leitura do referido poema em que, embora se distancie do trabalho da mulher no contexto estudado, subsidia reflexões interessantes sobre a alienação à qual estão submetidos os trabalhadores. Os alunos expressaram seus sentimentos, ideias que surgiram após a leitura e interpretação do mesmo, alguns releeram os versos que mais gostaram e mais lhes chamaram atenção e em grupos apresentaram o poema através de jogral.

O filme também é um importante recurso nas aulas. Após breve síntese destacando os aspectos mais importantes e o contexto em que o filme foi produzido, apresentamos recortes do Filme *Germinal*. Explicamos que o filme discute a realidade dos trabalhadores nas minas de carvão na França, portanto, não capta a realidade do país originário da Revolução Industrial, mas que a partir da Inglaterra a Revolução Industrial se espalhou para outros países. Após terem assistido ao filme, dividimos a sala em grupos de quatro alunos para refletirem, discutirem e registrarem as conclusões a partir das questões que foram propostas. Os trabalhos foram apresentados para os demais grupos. Percebemos que os alunos compreenderam que, apesar do filme retratar a realidade do trabalho nas minas de carvão da França em um determinado tempo e espaço, entenderam como o filme apresenta o trabalho das mulheres e qual a contribuição do mesmo para o aprofundamento da temática estudada. O filme ainda possibilitou discutir as condições de trabalho e a luta por direitos naquele contexto.

Os trabalhadores, desde o início do século XIX, já se organizavam em várias regiões da Europa para lutar por melhores condições de trabalho, maiores salários e redução de jornada. Entre uma série de movimentos, em 1811, surgiu o *ludismo*. Anos mais tarde outro movimento que mereceu destaque foi o *cartismo*.

Para aprofundar os conhecimentos sobre esses movimentos, os alunos realizaram uma pesquisa orientada, na biblioteca do colégio, a partir de questões propostas pela professora e apresentaram os resultados para a turma.

Com o objetivo de possibilitar aos alunos entenderem que o processo de emancipação das mulheres sempre foi muito intenso, que as lutas foram árduas e persistentes, os alunos foram divididos em dois grupos, para no laboratório de informática do colégio, pesquisarem na internet, por meio de fontes historiográficas e documentais, as conquistas das mulheres no contexto da Revolução Industrial e comparar com outros contextos posteriores, inclusive o tempo presente.

O grupo 1 pesquisou sobre as lutas das mulheres no contexto da Revolução Industrial e o grupo 2 pesquisou sobre as lutas das mulheres em diferentes contextos.

Os resultados da pesquisa foram apresentados através de seminário. Muitos alunos ficaram surpresos com o resultado das pesquisas, que apesar dos avanços ao longo do tempo, a luta é contínua, que ainda hoje não existe plena igualdade entre homens e mulheres, que a mulher não luta apenas contra o capital, mas também contra os “valores” machistas que imperam na sociedade e, que, muitas vezes, estão presentes nos próprios lares.

Esse trabalho além de aprofundar os conhecimentos, oportunizou aos alunos refletirem sobre questões muito presentes no seu cotidiano, o que resultou em interesse e estímulo aos estudantes sobre o tema, ampliando as discussões. Observamos a necessidade das mães de vários alunos trabalharem fora para reforçar o orçamento familiar e que as “obrigações” da casa e educação dos filhos ficam sob a responsabilidade delas. Os alunos fizeram alguns questionamentos, como por exemplo, por que determinados empregos só contratam mulheres, enquanto em outros a preferência é por trabalhadores do sexo masculino e, quando homens e mulheres realizam o mesmo trabalho e recebem remuneração diferenciada?

Com base nos documentos estudados solicitamos que os alunos escrevessem uma narrativa histórica para explicar como se deu a inserção da mulher no mundo do trabalho fabril durante a Revolução Industrial Inglesa, quais as condições de trabalho e as consequências da dupla jornada de trabalho. Solicitamos ainda que os alunos se posicionassem sobre a História do tempo presente,

procurando estabelecer quais as mudanças e permanências na realidade das mulheres daquela época quando comparada com hoje.

Os registros feitos no início da implementação foram devolvidos aos alunos. Solicitamos que fizessem a leitura dos mesmos e da narrativa produzida, para que pudessem comparar e identificar o conhecimento adquirido. O resultado foi satisfatório, pois em suas narrativas relataram o que foi solicitado, compreenderam as permanências, rupturas e mudanças ocorridas ao longo do tempo. Os alunos concluíram que aprenderam muito sobre o tema estudado, que agora saberão responder algumas indagações que se refere à mulher no mundo do trabalho, inclusive na atualidade.

As produções dos alunos foram expostas em mural, para a apreciação da comunidade escolar, com o objetivo de mostrar o trabalho realizado e o resultado da aprendizagem.

Considerações Finais

Consideramos satisfatória a participação dos alunos, pois estes compreenderam os motivos que levaram o capital a explorar a força de trabalho feminina durante a Revolução Industrial na Inglaterra, ou seja, aprenderam como se deu a incorporação da mulher no mundo do trabalho fabril, possibilitando assim a compreensão sobre o papel da mulher no tempo presente por meio da análise do passado.

Tal fato foi também observado e registrado por colegas professores, que foram participantes do Grupo de Trabalho em Rede – GTR, proposto pela SEED, através do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, que fizeram uso do material didático, o qual foi aplicado pelos docentes em seus respectivos estabelecimentos.

Esses professores afirmaram que foi produtivo e oportuno aos seus alunos, e que muito contribuiu em relação às atividades e ainda quanto ao tema, a qual proporcionou enriquecimento para as conversas, reflexões e produções na sala de aula. Diante das observações efetuadas em sala de aula, como também pelo fortalecimento obtido através das análises, comentários e opiniões favoráveis dos professores participantes do GTR, foi possível concluir, portanto, que a ação educativa foi consolidada, que o trabalho realizado foi relevante e correspondeu às expectativas propostas.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008.

HERDERSON, William Otto. **A revolução industrial:1780-1914**. Trad. Maria Ondina. Ed. bras. rev. pref. Aldo Janotti. São Paulo: Verbo (USP), 1979.

HOBBSBAWM, Eric J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.

LEFEBVRE, Henri. **A reprodução das relações de produção**. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

MANTOUX, Paul. **A Revolução Industrial no século XVIII**. São Paulo: Editora da UNESP/Ucitec, s/d.

MARX, K. **O capital: Crítica da economia política**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Vol. I e II. Coleção Os Economistas. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro primeiro: O processo de produção do capital**. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Vol. I. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

MORAES, Vinícius de. **Operário em Construção**. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/operario-construcao-conscienciasocial.htm>>. Acesso em: 17/11/2013.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica de história**. Curitiba: SEED-PR, 2008.

REFERÊNCIAS DOS FILMES E VÍDEOS

BERRI CLAUDE, **Germinal** – Legendado - Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vzVSlxWyxdc>>. Acesso em: 03/11/2013.

MORAES, Vinícius de. **Operário em Construção** (declamado por Taiguara). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HFFet8dYcUY>>. Acesso em: 03/11/2013.

VÍDEO BARSA, Encyclopédia Britânica. **A Revolução Industrial**. Filme documentário. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jt-o3EBQPMU>>. Acesso em: 07/10/13.